



# **O RELATO PESSOAL E A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DE MULHERES DO PROGRAMA MULHERES MIL, DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA, CAMPUS MOSSORÓ – RN**

Janaina Silva Alves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. [sofijana@hotmail.com](mailto:sofijana@hotmail.com)

**RESUMO:** O Programa Nacional Mulheres Mil – Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável – foi instituído pela Portaria nº 1.015, de 21 de julho e está inserido no Plano Brasil sem Miséria, que faz parte de um conjunto de ações governamentais de inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade. O presente trabalho pretende analisar a subjetividade das histórias de vida de mulheres que participaram do Programa Mulheres Mil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *Campus Mossoró – RN*, no ano de 2014 com a primeira turma ofertada no Campus. As narrativas foram analisadas à luz da teoria da subjetividade do discurso de Michel Foucault. O instrumento de pesquisa utilizado foi a história de vida ou relato pessoal que permitiu a coleta de informações da vida das colaboradoras. Assim, o *corpus* se constitui de cinco relatos pessoais produzidos pelas mulheres em uma das aulas de Língua Portuguesa. A partir da análise das narrativas, pôde-se perceber a importância da escrita sobre si mesmo na construção da subjetividade dessas mulheres que utilizam o relato para narrar os fatos de suas vidas, suas vitórias, crises, seus sonhos, desejos e perspectivas de vida. Desse modo, as memórias são recordadas e contadas como uma forma de essas mulheres construírem uma autoimagem, afirmar sua identidade perante seu grupo local, sua comunidade e sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relato pessoal, discurso, construção de subjetividades, mulheres.

1

## **1 INTRODUÇÃO**

Na década de 1970, Foucault analisa como se dá, por meio da História, a constituição de um sujeito que não é dado terminantemente, mas de um sujeito que se constitui no interior da História; ou seja, ele é, constantemente, formado e transformado pela História através das práticas sociais. Assim, nosso objetivo,

neste artigo, é refletir acerca do discurso, do sujeito e a produção de subjetividade em constante processo de produção, reprodução e transformação.

Pensar a questão da subjetividade em Foucault é levar em consideração a relação entre sujeito, verdade e poder. A noção de subjetividade, atualmente, ocupa lugar de destaque nos atuais campos do conhecimento, como Filosofia, Psicanálise,



História, Crítica Literária, Ciências Políticas, Educação, remetendo a uma importante diversidade de usos da obra de Foucault. Por isso, é relevante destacar, aqui, que Foucault não se alia nem se insere em um campo teórico específico, mas perpassa diversas áreas do conhecimento.

A relação entre verdade e sujeito é tratada, em Foucault, através da análise histórica dos acontecimentos, problematizando os processos históricos pelos quais as estruturas de subjetivação ligam-se aos discursos de verdades. Assim, Foucault descreve historicamente como os discursos de verdade transformam, alienam e informam os sujeitos, construindo, assim, as subjetividades. Desse modo, a obra de Foucault é uma reflexão sobre o discurso.

A Filosofia, tradicionalmente, supõe um sujeito puro de conhecimento. Porém, Foucault mostra como os sistemas de poder e de verdade fabricam sujeitos fáceis de manipulação. Por isso, o pensador traz a possibilidade de formação de um sujeito com capacidade crítica. Para isso, a relação entre História, atualidade e crítica – atitude da modernidade – que incide na valorização do presente e na capacidade de transformá-lo, consiste na capacidade de elaborar sua própria subjetividade.

A compreensão sobre a subjetividade é possibilitada pelo discurso, uma

vez que este é produzido pelo exterior do sujeito; que nega a individualidade deste. Nesse sentido, o sujeito é produzido nas relações discursivas.

Analisaremos, a partir da concepção foucaultiana, a subjetividade nos discursos construídos pelas narrativas – relato pessoal – de mulheres que participaram de cursos de Formação Inicial e Continuada – FIC, no Programa Mulheres Mil, promovidos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, *Campus Mossoró*.

## **2 O PROGRAMA MULHERES MIL**

O Programa Nacional Mulheres Mil – Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável – foi instituído pela Portaria Nº 1.015, de 21 de julho de 2011 e está inserido no Plano Brasil sem Miséria, integrando um conjunto de ações que consolidam as políticas públicas e diretrizes governamentais de inclusão educacional, social e produtiva de mulheres em situação de vulnerabilidade.

O Programa é decorrente da Cooperação Internacional Brasil-Canadá – Promoção de Intercâmbio de Conhecimento para Promoção da Equidade (PIPE). Iniciada em abril de 2007, as ações tiveram como financiadores e executores, por parte do Brasil, a Agência Brasileira de



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Cooperação (ABC), o Ministério da Educação, representado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, a Rede Norte-Nordeste de Educação Tecnológica; por parte do Canadá, a *Association of Canadian Community Colleges* (ACCC), a *Canadian International Development Agency* (CIDA) e os *Colleges* Canadenses. No desenvolvimento das ações, contou com o Conselho das Instituições Federais de Educação Tecnológica (CONIF) e com os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia de 13 estados das regiões Norte e Nordeste. (BRASIL, 2011)

O Programa permite que mulheres que moram em comunidade consideradas com baixo índice de desenvolvimento humano – IDH -, sem acesso aos serviços básicos, tenham uma formação educacional, profissional e tecnológica, permitindo a elevação da escolaridade, emancipação e ao mundo do trabalho.

### 3 O SUJEITO, O DISCURSO E A HISTÓRIA

#### 3.1 O discurso

O conceito de discurso aparece pela primeira vez na obra de Foucault *As Palavras e as Coisas* (1966). O filósofo não emprega o conceito como um produto da retórica nem muito menos como um texto bem estruturado e com significado.

O discurso é formado por unidades chamadas enunciados, que por sua vez formam as práticas discursivas.

Estas são pertencentes ao saber de uma época e materializa-se nos textos. Assim, o discurso é entendido como uma instância maior, pois ele está inserido dentro de contexto histórico, marcado institucionalmente e é suportado por uma materialidade que permite ou proíbe sua realização. Por isso, o discurso

é definido como um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiam na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade. (FOUCAULT, 1986, p. 156-136)

Assim, Foucault concebe o conceito de prática discursiva, pois estas determinam que nem sempre tudo pode ser dito, que é regulado por uma ordem do discurso.

Em *A ordem do discurso* (1999), Michel Foucault conceitua o discurso como uma prática que relaciona a língua com “outras práticas” no campo social; ou seja, ele produz efeitos de sentidos, é controlado institucionalmente e é prestigiado em função de produzir uma verdade, que na modernidade, é a ciência.

Assim,

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



Não podemos confundir com a operação expressiva pela qual o indivíduo formula uma idéia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada num sistema de inferência; nem como uma competência de um sujeito falante quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, muna dada época, e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercícios da função enunciativa. (FOUCAULT, 1986, p. 136).

Nesse contexto, o discurso se caracteriza como um sistema de controle do enunciado, pois é resultante de várias práticas restritas que limitam a enunciação, como: o que pode ser dito; em que momento pode ser dito; para quem pode ser dito; como deve ser dito; em que posição social o dito está sendo enunciado; de que lugar fala, institucionalmente, esse discurso é materializado. O discurso tem um suporte histórico, institucional, uma materialidade que proíbe sua realização.

Nesse interim, o sujeito está submerso por discursos, pois estes constroem “verdades” para aquele, produzindo a subjetividade e determinando as formas de comportamentos dele. A noção de discurso como prática – prática discursiva marcada por positividade, no sentido de que, em sua relação com o sujeito, o discurso incita, provoca, faz deslocar enfim –, e, em suas materializações discursivas,

mostram o outro, o exterior, na produção da subjetividade.

### 3.2 O sujeito

O sujeito do discurso não se confunde com a pessoa que realiza o ato de fala, não é o autor do texto e nem o sujeito do enunciado. O sujeito é todo aquele que pode usar o enunciado em função de sua atuação institucionalizada.

Segundo Foucault (1986), o sujeito é historicamente determinado. Essa afirmação nos leva a pensar, com âncora no pensamento de Foucault, no sujeito que vai se construindo pelo discurso e como este se relaciona com a História.

Desse modo, “um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (1986, p. 107). Assim a posição do sujeito é neutra e por isso pode ser ocupada por qualquer enunciador. O sujeito ocupa um lugar determinado e vazio e por esse motivo pode ser ocupado por diferentes indivíduos. Mas esse mesmo lugar determinado é bastante variável através de várias frases, podendo se modificar a cada uma delas.

Nesse contexto, o sujeito do enunciado é o sujeito da operação. Assim,



pensemos as relações entre sujeito e discurso, uma vez que o que torna uma frase em um enunciado é o fato de podermos identificar uma posição de sujeito, pois identificar o enunciado consiste em: “determinar qual é posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (1986, p. 109).

Nessa concepção de sujeito como posição é que Foucault concebe a relação entre os enunciados e a historicidade, uma vez que “todo enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”. (1986, p. 112). Do mesmo modo que não há um sujeito *a priori* único, também não há enunciado livre e independente, pois “não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não realize outros enunciados” (1986, p. 113).

O enunciado se insere sempre num campo de anunciação onde tem lugar e *status* e por esse motivo tem relações possíveis com o passado, abrindo um futuro eventual. Assim,

não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo. (1986, p. 114)

Para Foucault (1986), o que torna uma frase ou um ato de fala em

enunciado é a função enunciativa, ou seja, o fato de ele ser produzido por um sujeito, em lugar institucionalizado, determinado por regras sócio-históricas, suas condições de produção, suas regras de controle.

Há, assim, uma intrínseca relação que envolve os sujeitos, passando pela história e envolvendo a materialidade do enunciado. Este precisa ter um suporte, um lugar, uma data. Além de se constituir em uma espessura material, o enunciado é caracterizado, também, por uma identidade que é sensível a uma modificação de *status* – a um antes e um depois, por exemplo.

É nesse relação que Foucault (1986) concebe os enunciados por sua movimentação nos atos praticados por sujeitos historicamente determinados. Por isso,

Ao invés de ser uma coisa dita de forma definitiva [...] o enunciado, ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra a operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquiva, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade. (FOUCAULT, 1986, p. 121).

Por isso, conforme Foucault (1986) a produção de sentidos é uma luta discursiva



travada constantemente entre o discurso, os sujeitos e a História.

### 3.3 História

É relevante destacarmos, aqui, que a concepção de História concebida por Foucault, pois o filósofo faz a crítica da concepção positivista da História tradicional, principalmente em certos fundamentos adotados por ela, como a continuidade, a concepção de sujeito e crença na “verdade” do documentos, dentre outros. Assim, a História tradicional é organizada como um modelo de uma grande narrativa sequenciada em acontecimentos que seguem uma hierarquia e que os indivíduos são apenas atores quase que inconscientes.

Foucault, em sua obra **Arqueologia do saber** (1969), propõe justamente o contrário. Ele trabalha com o conceito de *descontinuidade*, que nega a linearidade do discurso da História e analisa este em sua dispersão. Para o filósofo, o texto histórico é tradicionalmente definido com uma narração que reconstrói o “real” a partir da análise do contexto documental, numa tentativa de produção de “objetividade” da história dos documentos.

No entanto, a noção de acesso ao contexto histórico e objetividade são ilusórios à ótica de Foucault, pois

para este um mesmo fato histórico é lido e interpretado por diferentes pontos de vista; uma vez que o autor está inserido numa posição social de uma época.

Nesse interim,

O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 1992, p. 547).

Para o autor, todo documento é uma “montagem” e por isso cabe ao historiador desconstruí-lo e analisar as suas condições de produção. Assim, a História, como objeto de interpretação, é um narrativa de natureza provisória e suscetível de revisões reinterpretadas.

Nessa concepção, há uma mudança, também, na concepção de sujeito da História, que não reporta aos homens envolvidos em grandes acontecimentos políticos, militares, mas de todos os homens. Essa é a denominada nova História.

## 4 CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO SUJEITO

A prática da subjetividade, ou a subjetivação, refere-se a formas de constituição do sujeito, e a obra de



Foucault aponta diferentes maneiras de subjetivação e também de objetivação dos sujeitos. Trata-se de uma manifestação da verdade que toma lugar na subjetividade; ou seja, essa forma de governo (dos outros e também de si sobre si) por meio da verdade acarreta uma produção de subjetividade na qual a verdade ganhará forma e, ao mesmo tempo, a expressão da subjetividade se dará sob a forma da verdade.

A arte de governar os outros e a si implica saber e poder; e ambos são buscados na exterioridade do sujeito, colocam em pauta o biopoder, e corroboram as formas de produção da subjetividade e “o poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (FOUCAULT, 1985, p. 89).

É no social que se definem as posições-sujeito, não fixas, marcadas por mutabilidade, e a análise de discursos deve fazer aparecer esses elementos e explicitar suas formações e transformações históricas, e também suas implicações e/ou determinações na produção da subjetividade. Não se trata, seguramente, de pontos fixos característicos dos sujeitos, trata-se de movência, de deslocamentos e transformações constantes na constituição dos sujeitos e na produção da subjetividade pelos discursos.

Nos diferentes momentos da história, as formas de produção da subjetividade mudam significativamente, mas os discursos que possibilitam sua produção são sempre considerados como práticas, são a ferramenta para fazer o sujeito tornar-se outro, diferente de si mesmo.

Como vimos assinalando, o funcionamento do discurso na produção da subjetividade segue na direção de possibilitar ao sujeito assumir posicionamentos: “efeito de partido, o pertencimento a um grupo, a uma escola, [...] tudo nos remete às condições de formação do sujeito [...] pensadas, porém, em termos sociais” (FOUCAULT, 2004b, p. 40).

Tem-se constante produção de subjetividade, sendo o sujeito nunca pronto, nunca fixo, sempre em construção de si. Há, nesse ínterim, um funcionamento inconsciente coletivo; um inconsciente social que, em nome de uma ética geral, faz os sujeitos moverem-se.

Por conseguinte, os discursos precisam ser compreendidos “enquanto enunciados materialmente existentes [...] são proposições verdadeiras e constituem princípios aceitáveis de comportamento” (FOUCAULT, 2004b, p. 389-390).

Nessas reflexões foucaultianas, o poder vincula-se à prática da subjetividade,



pois, conforme perspectiva apresentada anteriormente, o poder integra relações, é uma forma de conduzir e moldar condutas, o que recai na produção da subjetividade.

## 5 METODOLOGIA

Foi utilizada a abordagem qualitativa, de natureza descritiva e bibliográfica. Para a constituição do *corpus* foi utilizado o gênero textual relato de vida. O *corpus* é constituído por cinco relatos – Histórias de vida –, que foram produzidos por mulheres participantes durante as aulas de língua portuguesa, do Curso FIC de Camareira do Programa Mulheres Mil, promovido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, *Campus Mossoró*.

Os dados que constituem o *corpus* são trechos dos discursos extraídos dos textos produzidos pelas discentes do Curso de Camareira em uma aula de língua portuguesa. Através dos trechos destacados, faremos uma análise à luz da concepção foucaultiana em relação a produção da subjetividade nos discursos destas discentes.

Nos trechos dos discursos destacados para análise, foram utilizados pseudônimos nas citações dos trechos das narrativas.

Assim, foram escolhidos nomes de flores para os pseudônimos.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES SOBRE O *CORPUS*

A reflexão sobre a subjetividade é pautada na relação com o discurso e mostra sempre o exterior como determinante do interior, como constitutivo da subjetividade. Assim, a materialidade discursiva, revela o exterior, o social, atuando na produção da subjetividade e determinando as formas de comportamento dos sujeitos na atualidade.

Analisemos como se revela essa produção de subjetividades nos trechos abaixo:

Moro num lugar conhecido por ser violento e muito discriminado, porém por outro lado tem um povo trabalhador, batalhador e que se esforçam para alcançar os seus ideais.  
(MARGARIDA)

Neste trecho, Margarida cita que o lugar onde mora é conhecido como violento e é muito discriminado, mas por outro lado lá moram pessoas trabalhadoras e batalhadoras. Aqui, tem-se um discurso sobre o discurso – um metadiscorso. Há, aqui, um discurso que é marcado pela sua exteriorização, pois mostra um sujeito que usa um saber social e discursivamente





produzido: “Moro num lugar conhecido por ser violento e muito discriminado”.

Tem-se, assim, algo exterior ao sujeito atuando na produção da subjetividade e na constituição deste sujeito – a objetividade. A subjetividade analisada nesse trecho é possibilitada pelo discurso produzido por algo de natureza coletiva e exterior ao sujeito, negando a sua individualidade.

Além disso, percebe-se que esse discurso visa à construção de verdades para os sujeitos sobre como é ou deve ser o espaço, criando assim práticas exclusivistas e separatistas. Mas o sujeito se reconhece nesse espaço: “por outro lado, tem um povo trabalhador, batalhador...”

Em outra narrativa, Gardênia cita:

Tenho sonhos como todo mundo, de ter um bom emprego, uma boa casa, e poder dar uma boa educação pro meu filho, ver ele crescer e se tornar um homem de bem e de bom coração. [...]. Espero viver num mundo melhor, sem tanta desigualdade, onde exista mais amor e respeito entre as pessoas, e que não julgem mas os outros pelo que eles tem e sim pelo que são. (GARDÊNIA)

O discurso é ao mesmo tempo imperante e encarcerado. Por um lado, encontramos um sujeito que é formado por imposições exteriores, que está cerceado por relações de saber e de poder. Por outro lado, observa-se um sujeito constituído por relações intersubjetivas, na

tentativa de criação de um espaço para a manifestação da liberdade, possibilitando a criação de si mesmo como um sujeito livre e autônomo. Há, aqui, a tensão entre a constituição de um sujeito passivo/ativo.

Nesse contexto,

É justamente no discurso que vêm a se articular poder e saber. [...] É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. (FOUCAULT, 1984, p. 95-96).

A objetivação do ser humano está perpassada nessa relação poder/saber. Assim, pode-se falar de um sujeito objetivado nas relações discursivas e produzido pelo jogo de poder e saber e que, por sua vez, disparam diferentes efeitos subjetivos.

Há, na concepção foucaultiana, três modos de objetivação de sujeitos: o modo de investigação que tenta atingir o estatuto de ciência – objetivando o sujeito que vive, trabalha, fala -, a objetivação do sujeito nas práticas divisoras – o normal, o louco, o honesto, o criminoso -, e o modo como um ser humano aprendeu a se reconhecer como sujeito de uma sua sexualidade.

Nesse movimento de constituição do



objeto humano, o sujeito vai se apropriando da objetivação e, ao mesmo tempo, subjetivando-se. Esta subjetividade gerada é um feito de se experimentar através das práticas organizadas nas relações sociais. Então, há uma experiência de si conduzida pela (re)apropriação que os sujeitos objetivados fazem do discurso que os objetivou. Os processos de subjetivação se reinvestem de processos de objetivação – e vice-versa – disparando efeitos de subjetividade.

No trecho seguinte, Hortênsia afirma:

Vivo com minha família. Sou viúva mãe de dois filhos, tenho um neto e uma nora. Hoje tenho um companheiro, trabalho em uma cooperativa e sou sócia da mesma. Nossa cooperativa é um grupo de 20 mulheres todas são sócias do grupo mulheres em ação. Este grupo é muito importante na nossa vida, nos sentimos pessoas importantes para a sociedade. Neste grupo discutimos sobre violência contra mulher, gêneros, direito de igualdades de vida e trabalho. (HORTÊNSIA)

Encontramos, nesse discurso, a diferença como possibilidade de vários outros presentes em mim. O sujeito vê a si mesmo como o duplo do outro na medida em que apreende certos modos de existência e encontra o outro em si mesmo na medida em que transforma seu próprio modo de viver. Deste modo, deixa de ser o homem, o branco, o adulto para se

tornar a possibilidade infinita do outro que bate à porta.

Essa experiência consiste em não estar preso a uma identidade fixa ou a um território permanente. Esse descolamento deve ser entendido no sentido de que a relação consigo mesmo adquire independência. Há, ainda, a retificação de sua própria subjetividade de modo que o outro descubra seus valores.

A subjetividade é, assim, historicamente determinada, resultado de forças do sujeito com o meio social e consigo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo que o sujeito que é objetivado nas relações discursivas, produzindo jogos de poder e saber articulados entre si. Sendo a subjetividade gerada pelo efeito de se experimentar através destas práticas.

Desse modo, tentou-se, aqui, mostrar um pouco como ocorre a dinâmica sujeito objetivado e da subjetividade efeito. Percebe-se, através dos discursos relatados nos trechos dos relatos das discentes, que as subjetividades são discursivamente construídas. Além disso, observou-se que é através das relações sociais e os diferentes modos pelos quais os seres humanos



tornam-se sujeitos.

Ainda assim, analisa-se que os processos históricos de sujeitamento a um espaço de ordem que permitem efeitos de sujeito – modos de objetivação e subjetivação. Os discursos, são, desse modo, dispositivos-atos, pois supõe em seu exercício uma posição, um lugar. Este é definido na enunciação, em que produz efeitos num determinado contexto.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Portaria nº 1015, de 21 de julho de 2011**, que institui o Programa Mulheres Mil- Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <[http://www.portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&task](http://www.portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task)>. Acesso em 13 maio 2016.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática. In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Ética, sexualidade, política**. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p. 264-287. (Ditos e escritos, 5)

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. Tradução de António Ramos Rosa. Lisboa: Portugália Editora, 1967.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

LE GOFF, J. **Memória e História**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.